

com eles.” Ele faz uma pausa. “Mas não, a maioria de nós não é padre. Só os do mosteiro. Mas éramos uma raça diferente.”

“O que isso significa?”

Seus olhos azuis brilhantes como o sol me encaram por um momento, e me sinto instável,

como se a sala tivesse começado a girar. É difícil dizer se é o vinho ou se ele está tentando fazer algum tipo de magia em mim.

Mas então a sensação para, e ele desvia o olhar, soltando um longo exalar, passando os dedos finos sobre o tecido brilhante dos vestidos em que estamos sentados.

“Dizem que agora há um nome para nós”, ele diz em voz baixa.

“Vampiros. Sempre nos chamamos de sugadores de sangue, bebedores de sangue.

O fato de haver um nome para nós é preocupante. Isso significa que os humanos estão começando a entender.”

“Tenho certeza de que eles notaram pessoas desaparecendo, sem sangue e com marcas de dentes no pescoço”, comento.

“Sabemos que devemos ter cuidado”, ele diz rapidamente. “Ou, devo dizer, a maioria de nós

sabe. Quando digo que faço parte de uma raça diferente, faço parte dos que não são cuidadosos. Veja, há duas maneiras pelas quais os vampiros são criados. A primeira e mais comum é que você nasce de pais vampiros. Se você é uma mulher, você se transforma em um vampiro aos vinte e um anos. Se você é um homem, você se transforma

aos trinta e cinco. Mas você nasce sabendo o que é e é criado de acordo. Você sabe como caçar, sabe como se misturar com humanos. Esses são os que andam entre todos os outros.”

Ele faz uma pausa por um momento, os olhos parecendo perdidos. “Então há... as feras. Os monstros. Aqueles que nasceram humanos e se transformaram em Vampiros por outro sugador de sangue. Eles são mortos e trazidos de volta à vida ao beber o sangue do Vampiro que os massacrou. Quando isso acontece... você nasce uma criatura do Inferno. Você não tem mente, nem consciência. Você é puro poder e sede de sangue, e nem parece humano mais. São essas criaturas que matam indiscriminadamente, sem piedade. Eles são difíceis de controlar, ainda mais difíceis de matar, e se tornam o assunto de todas as histórias assustadoras de ninar contadas para crianças.”

Priest olha para mim, seus olhos assumindo um brilho vermelho que eu não tinha visto antes,

sua boca se abrindo em um sorriso horrível e com presas. “Quer adivinhar qual eu sou?”

O medo percorre minha espinha como um dedo gelado. Pela primeira vez, eu realmente tenho medo dele. Pela primeira vez, percebo que seu monstro não é uma figura de linguagem.